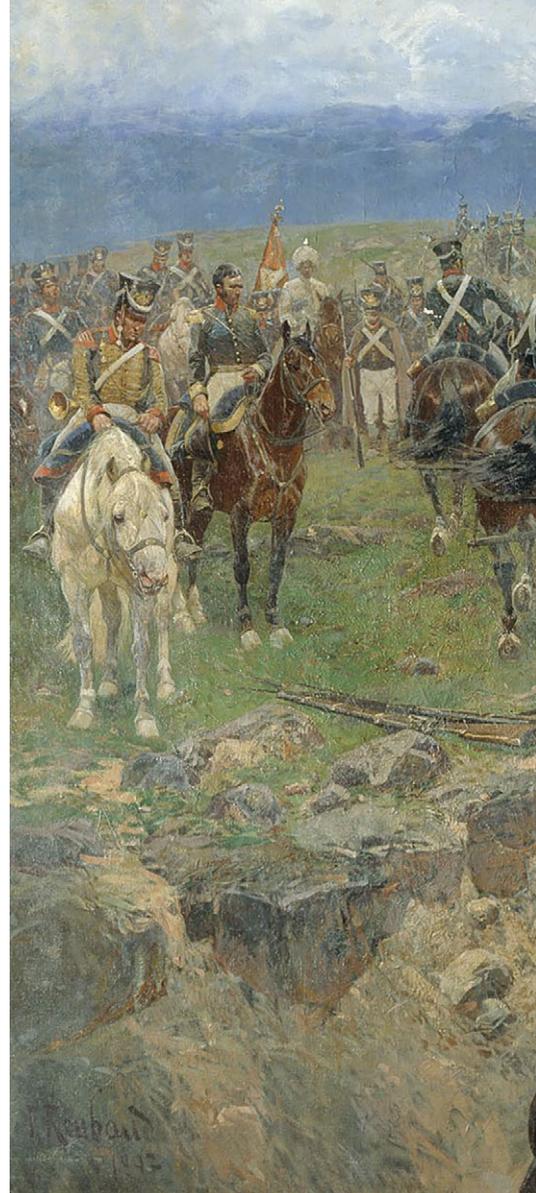


Guerra de Velha Geração

A Evolução — e Não uma Revolução — do Modo de Guerra Russo



Maj Nick Sinclair, Exército dos EUA

A lua de mel pós-Guerra Fria com a Rússia acabou. A tomada da Crimeia pela Rússia e o subsequente conflito para anexar a região de Donbass põem em risco a legitimidade da aliança da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Os aliados dos Estados Unidos da América (EUA) no flanco leste da OTAN preveem a ocorrência desse mesmo tipo de agressão em seus países e, após terem suportado a suserania de Moscou por mais de meio século, essas nações preferem a liberdade à vassalagem.

Portanto, os profissionais militares norte-americanos precisam se familiarizar novamente com o modo de guerra russo. O documento *U.S. Army Operating Concept* (“Conceito Operacional do Exército dos EUA”) define a Rússia como uma “potência concorrente” e um “prenúncio de futuros conflitos”¹. Além disso, o documento *National Security Strategy* (“Estratégia de Segurança Nacional”) propõe que os EUA lideram o esforço para “combater a agressão russa”².

Modo de Guerra Russo

Um elemento do ressurgimento russo que cativa os círculos de defesa ocidentais é o aparecimento da *guerra de nova geração* (*new generation warfare* — *NGW*). Contudo, há evidências que indicam que as ações russas

não são algo novo, e sim algo totalmente coerente com precedentes históricos. A Rússia não criou métodos completamente novos — adaptou seus métodos tradicionais, com base em mudanças políticas, econômicas, informacionais e tecnológicas no ambiente operacional³. Uma análise dos fins, modos e meios da guerra de nova geração mostra coerências históricas em relação às abordagens russas de guerra, aliadas a adaptações baseadas no atual ambiente operacional.

Fins Estratégicos

Em abril de 2014, Janis Berzins redigiu um trabalho bem recebido para a Academia Nacional de Defesa da Letônia, no qual ele definiu a “guerra de nova geração” russa. Nesse trabalho, Berzins afirma que um aspecto da estratégia militar da Rússia é o “unilateralismo doutrinário, ou a ideia de que o emprego bem-sucedido de força resulta na legitimidade”⁴. O desejo de segurança da Rússia se manifesta pela expansão de suas fronteiras



(Imagem cedida pela Wikimedia)

Ponte Viva: Cena da Guerra Russo-Persa (1892), óleo sobre tela, de Franz Roubaud. Essa pintura ilustra um acontecimento nas proximidades do Rio Askerna, onde os russos conseguiram repelir os ataques de um superior exército persa durante duas semanas. Criaram uma "ponte viva" de modo que dois canhões pudessem ser transportados sobre seus corpos.

para áreas onde perceba ameaças ou instabilidade. Alguns renomados especialistas russos observam que a mentalidade russa é a de que "a melhor defesa é um bom ataque". George Kennan, vice-chefe da missão norte-americana na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1947 e autor de "Sources of Soviet Conduct" ("Fontes da Conduta Soviética," em tradução livre), observa que sentimentos russos de insegurança e inferioridade são a causa de suas tendências expansionistas⁵. Por sua vez, Timothy Thomas, ex-oficial especialista em assuntos da União Soviética e analista sênior no Setor de Estudos Militares Estrangeiros, no Forte Leavenworth, sustenta que, após anos de depressão, a Rússia anseia por se restabelecer no mundo da geopolítica⁶.

Os fins estratégicos russos parecem incluir obter a segurança por meio do domínio da ordem internacional. A política expansionista russa no documento "Conceito Militar Russo: 2010" afirma que a dissuasão e prevenção de conflitos consistem na capacidade da Rússia para "ampliar o círculo de Estados parceiros e desenvolver a cooperação com eles" e que incorporar, fisicamente, territórios vizinhos na Federação Russa propriamente dita (ex.: Tchetchênia) ou como Estados vassalos (ex.: Ossétia do Sul, Abkházia e Donbass) é o melhor caminho para a segurança⁷. O Secretário de Estado dos EUA, John Kerry, incrédulo diante da intervenção da Rússia na Ucrânia, em 2014, comentou: "Não se pode, em pleno século XXI, portar-se à

maneira do século XIX, invadindo um outro país sob um pretexto totalmente inventado”⁸. Infelizmente, o comportamento da Rússia desde o século IX até o presente continua sendo relativamente constante e previsível, apesar das bem-intencionadas objeções de Kerry e de outros com a mesma opinião.

Coerências Estratégicas

A expansão contínua é coerente com a história da nação russa. Em 862 d.C., Novgorod, que deu origem à Federação Russa, era mais ou menos do tamanho do Texas. Após cerca de 1.200 anos, a Rússia hoje é 24 vezes o tamanho das fronteiras originais de Novgorod.

Invasões desastrosas levaram a liderança russa a se fixar na necessidade de estabelecer profundidade estratégica. Essas invasões incluem a conquista mongol do século XIII, a invasão sueca do século XVI, a invasão napoleônica do século XIX e a invasão nazista do século XX. O complexo de perseguição público da Rússia ignora o fato de que, antes e depois dessas invasões, a Rússia invadiu, rotineiramente, vizinhos mais fracos, incorporando seu território no Estado russo.

Não foi uma diplomacia habilidosa o que expandiu as fronteiras da Rússia, e sim uma incessante campanha de conquista e subjugação por parte de seus governantes. As dinastias Rurik e Romanov, assim como a União Soviética, expandiram, continuamente, as fronteiras da nação. A existência de uma atitude psicológica nacional profundamente arraigada, que se apoia na conquista como meio de autodefesa e que advém de uma história tumultuada e agressiva, ajuda a explicar a atual política externa da Rússia.

Adaptações Estratégicas

Historicamente, a Rússia justificou a expansão de suas fronteiras à custa de seus vizinhos como um meio de buscar a segurança. Entretanto, o atual pretexto que utilizam para esse fim é novo. As razões da Rússia para a expansão territorial hoje têm mais a ver com a proteção de russos étnicos além de suas fronteiras que com a obtenção de profundidade estratégica⁹. Em seu livro *A History of the Baltic States* (“Uma História dos Estados Bálticos”, em tradução livre), Andres Kasecamp explica como a União Soviética desestruturou áreas etnicamente homogêneas ao forçar grandes grupos de pessoas a deixarem suas casas¹⁰. Kasecamp afirma:

A mudança mais drástica para a Letônia e a Estônia durante a era soviética foi demográfica. Ambas as repúblicas assistiram à chegada em massa de pessoas do leste nos anos pós-guerra. Embora a porcentagem de estonianos étnicos na população da Estônia fosse de 90% no final da guerra, ao chegar 1989, ela havia caído para 62%. Durante esse mesmo período, a porcentagem de letões étnicos na Letônia caiu de mais de três quartos da população para um pouco menos que a metade¹¹.

Intencionalmente ou não, os russos étnicos colonizaram locais-chave em países vizinhos, proporcionando acesso estratégico à Rússia, particularmente em portos e áreas adjacentes às suas fronteiras. Contudo, em 1991, a União Soviética entrou em colapso. Subsequentemente, ressurgiram interesses próprios nacionais, e o império soviético se fragmentou em várias nações, deixando bolsões de russos étnicos que viviam como minorias em antigas nações soviéticas não russas, fora da recém-formada Federação Russa.

A existência de populações russas fora das atuais fronteiras da Rússia forneceu, recentemente, o pretexto para que ela se apossasse de território dos antigos Estados soviéticos da Geórgia e da Ucrânia. A figura 1 mostra as regiões com as maiores concentrações de cidadãos russos, russos étnicos e falantes nativos de russo além das fronteiras da Federação Russa. Em 2005, Vladimir Putin declarou que o colapso da União Soviética havia sido “a maior catástrofe geopolítica do século” e que “dezenas de milhões de nossos concidadãos e compatriotas [russos étnicos] se viram além dos limites do território russo”¹². Após o conflito de 2008 com a Geórgia, o Presidente russo, Dmitry Medvedev, disse à imprensa: “Nossa prioridade indiscutível é proteger a vida e a dignidade de nossos cidadãos, onde quer que estejam. Também procederemos com base nisso ao executarmos nossa política externa. Também protegeremos o interesse de nossa comunidade de negócios no exterior. Além disso, deve ficar claro para todos que, caso alguém faça incursões agressivas, receberá uma resposta”¹³.

Após a tomada de território da Geórgia, em 2008, e da Crimeia na Ucrânia, em 2014, essa retórica preocupa os países vizinhos com grandes minorias russas. Preocupantemente, a Rússia parece determinada a interferir em áreas vizinhas, como afirmou Medvedev:



(Imagem cedida por Musa Sadulayev, Associated Press)

Uma coluna de viaturas blindadas russas se movimenta em direção à capital da Ossétia do Sul, Tskhinvali, agosto de 2008. A Ossétia do Sul tem uma grande população de russos e, em 1990, declarou sua independência da Geórgia. As forças russas invadiram a Ossétia do Sul em apoio aos separatistas pró-Rússia, após as forças georgianas tentarem recuperar o controle do território.

“A Rússia, da mesma forma que outros países no mundo, conta com regiões onde tem seus interesses privilegiados”¹⁴. Berzins observa que a Rússia aprendeu com as operações de manutenção da paz lideradas pelo Ocidente nos Balcãs. Cinicamente, os dirigentes russos usam as normas internacionais sobre autodeterminação e a alegação de responsabilidade por proteger russos étnicos para justificar sua violação da soberania nacional de seus vizinhos.

Modos Operacionais

Segundo Berzins, a guerra de nova geração russa favorece uma abordagem indireta de influência, em vez de uma influência direta de confronto físico. “A guerra de nova geração passa da busca de destruição de meios físicos de um inimigo para uma guerra psicológica voltada a obter o declínio do moral interno”¹⁵. Berzins demonstrou o êxito da abordagem indireta russa na Crimeia, afirmando que “em apenas três semanas e sem que um tiro fosse disparado, o moral das Forças Armadas ucranianas foi destruído e todas as suas 190

bases se renderam”¹⁶. Como indicou Glenn Curtis em seu trabalho de 1989, “An Overview of Psychological Operations” (“Uma Visão Geral das Operações Psicológicas”, em tradução livre), visar o moral de um adversário não é algo novo para as Forças Armadas Russas. O objetivo central das operações psicológicas é coerente: “Se a atitude de um adversário puder ser influenciada favoravelmente, sua resistência física diminuirá”¹⁷. Afirma que as operações psicológicas soviéticas “não foram inventadas pelos bolcheviques em 1917; foram empregadas esporadicamente durante séculos pelos czares russos nas relações internas e externas”¹⁸.

Embora as operações psicológicas ocupem um lugar consagrado na tradição militar russa, seu papel central contra o Ocidente recebeu especial ênfase durante a Guerra Fria. Foram empregadas por Moscou para influenciar atividades na esfera política interna ocidental e efeitos no “Terceiro Mundo”. A desinformação, as medidas ativas (influenciar um adversário por meio de terceiros aparentemente não relacionados) e a propaganda representavam as linhas de frente



Figura 1 – Países com Vínculos com a Rússia

entre Oriente e Ocidente. Alguns exemplos incluem a falsificação, pela KGB, de documentos “oficiais” do governo norte-americano autorizando assassinatos e a remoção de governos, assim como sua utilização do Conselho Mundial da Paz para requerer que o governo dos EUA aceitasse termos de desarmamento nuclear favoráveis à União Soviética¹⁹. Embora tenha perdido a Guerra Fria, a Rússia não abandonou a abordagem indireta das operações psicológicas.

Coerências Operacionais

Os modos operacionais militares da Rússia para alcançar seus fins estratégicos incorporam operações profundas clássicas. Os intelectuais soviéticos inventaram a teoria das operações profundas em reação à dinâmica do campo de batalha do início do século XX. Teóricos das operações profundas soviéticos, como Svechin, Triandafillov e Isserson, encontraram a resposta ao problema das defesas em camadas utilizadas durante a Primeira Guerra Mundial com uma ofensiva que derrota o inimigo em toda a sua profundidade: a operação profunda²⁰.

As operações profundas se ampliaram de um foco material para visar o moral da força adversária. Em seu livro *Strategy* (Estratégia), de 1927, o teórico de operações profundas Aleksandr Svechin afirmou: “A guerra é conduzida não só em uma frente armada; é

conduzida, também, nas frentes econômica e de classes”. Declara, ainda, que o uso de agitadores políticos e propaganda dentro do país da oposição são esforços cruciais para uma ação militar e devem ser coordenados²¹. O moral é um fator fundamental para qualquer força de combate. Clausewitz reconheceu a importância do moral no fenômeno da guerra, convertendo-o em um dos lados da trindade paradoxal (razão, paixão e acaso)²².

O moral do adversário tornou-se o alvo decisivo para o êxito das operações militares soviéticas. A União Soviética tinha a fama de atacar a coesão moral de seus inimigos, semeando a discórdia e a dúvida entre seus adversários na esperança de enfraquecer o espírito de combate. B.H. Liddell Hart observou isso na obra *Strategy*, ao discutir o combate profundo supremo de Lenin, a abordagem indireta dirigida contra o moral ocidental. Afirmou que “a melhor estratégia em qualquer campanha é adiar o combate e a melhor tática é adiar o ataque, até que a perturbação moral do inimigo torne prático desfechar o golpe decisivo”²³.

Adaptações Operacionais

A Rússia continua a utilizar operações profundas para obter a expansão de suas fronteiras, mas também melhorou muito sua capacidade para visar a psique de

adversários e elementos neutros. As operações profundas russas possibilitaram suas ambições territoriais ao arrancarem pedaços da Geórgia e da Ucrânia com a desculpa de o país estar protegendo suas populações nativas no exterior e promovendo a autodeterminação nacional. Quando a Rússia se apossou da Crimeia, o Exército ucraniano capitulou após uma campanha de informação bem planejada e executada²⁴.

A Rússia aperfeiçoou seu emprego da guerra de informação por meio do uso do *controle reflexivo*. Em *Recasting The Red Star* (“Reformulando a Estrela Vermelha” em tradução livre), Timothy Thomas define o controle reflexivo como “um meio de transmitir a um parceiro ou adversário informações especialmente preparadas para estimulá-lo a tomar, voluntariamente, a decisão predeterminada desejada pelo iniciador da ação”²⁵. O controle reflexivo russo pareceu ter sucesso, também, contra os parceiros da Ucrânia na OTAN. Membros da OTAN relutaram em se envolver no conflito, efetivamente isolando a Ucrânia da comunidade internacional²⁶.

A Rússia utiliza o controle reflexivo para colocar seus vizinhos entre a “cruz e a espada”. Ou os países permitem cidadãos russos dentro de suas fronteiras e acabam lidando com movimentos separatistas ou isolam suas populações russas e dão à Rússia um pretexto para a invasão. Em seu livro *A Little War That Shook The World: Georgia, Russia, and the Future of the West* (“A Pequena Guerra que Abalou o Mundo: Geórgia, Rússia e o Futuro do Ocidente”, em tradução livre), Ronald Asmus descreve como isso ocorreu na Geórgia em 2008²⁷. Asmus acusa a Rússia de capacitar separatistas da Ossétia do Sul a atacar cidades da Geórgia a partir de áreas controladas pelos russos. Após uma escalada contínua, a Geórgia respondeu com seu próprio ataque militar, eliminando 50 mantenedores da paz russos. A resposta russa foi severa, subjugando o Exército da Geórgia e adquirindo dois novos Estados vassallos (Ossétia do Sul e Abkházia) à custa da soberania georgiana. Segundo Asmus, porém, a força de contra-ataque russa entrou na Ossétia do Sul a partir da Rússia dias antes do início do ataque da Geórgia. A guerra de informação russa criou a narrativa de uma Força Armada agressiva da Geórgia, que atacou as tropas da Rússia, deixando-lhe sem nenhuma opção a não ser contra-atacar. Esse exemplo clássico de controle

reflexivo permitiu que a Rússia obtivesse ganhos territoriais à custa da Geórgia. A Rússia também venceu a guerra de informação. Os veículos da imprensa europeia e órgãos internacionais culpam a Geórgia pela guerra²⁸.

Meios Táticos

Berzins descreve duas mudanças significativas nos meios táticos da Rússia. A primeira é o emprego de uma força híbrida, o “uso de civis armados (quatro civis para um militar)”²⁹. A Circular de Instrução 7-100, *A Ameaça Híbrida (Training Circular 7-100, The Hybrid Threat)*, do Exército dos EUA, a define como “a combinação variada e dinâmica de força regulares, forças irregulares e/ou elementos criminosos, todos unificados para a obtenção de efeitos mutuamente benéficos”³⁰. Uma força de combate composta, predominantemente, de milícias locais não só gera uma economia de meios para as Forças Armadas regulares da Rússia, como também confere legitimidade ao lado russo, porque a milícia reside nas regiões contestadas.

A segunda mudança consiste em táticas que buscam evitar o conflito quando possível por meio de “confrontos sem contato por forças extremamente interestespecíficas”³¹. Essas forças interestespecíficas incluem manifestantes, agitadores, grupos de milícia, gangues de motociclistas, nacionalistas, mercenários e *spetsnaz* (forças especiais), para exacerbar a situação com o objetivo de forçar uma reação pelo governo anfitrião, o que então confere a Moscou a justificativa para intervir com forças regulares. Contudo, quando o combate é inevitável, as táticas russas são semelhantes às táticas de cerco e aniquilação do último século.

Coerências Táticas

A força híbrida e as táticas de cerco e aniquilação empregadas pela Rússia são coerentes com a história militar do país. Em 945 d.C., os governantes russos empregaram uma tribo tártara, os pechenegues, em uma bem-sucedida campanha contra o império bizantino³². Outro emprego de uma força híbrida foi o uso dos cossacos contra o Grande Exército, *Grande Armée*, de Napoleão durante a retirada de Moscou³³. Além disso, a força híbrida da União Soviética durante a Segunda Guerra Mundial foi fundamental para o êxito contra a invasão alemã. Para os soviéticos, os

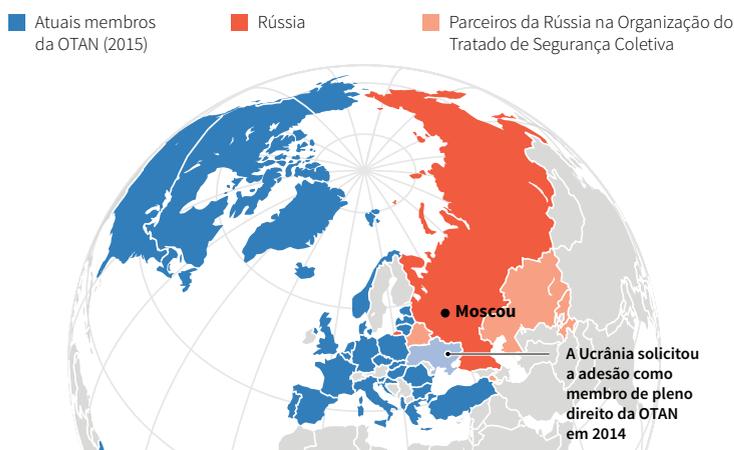
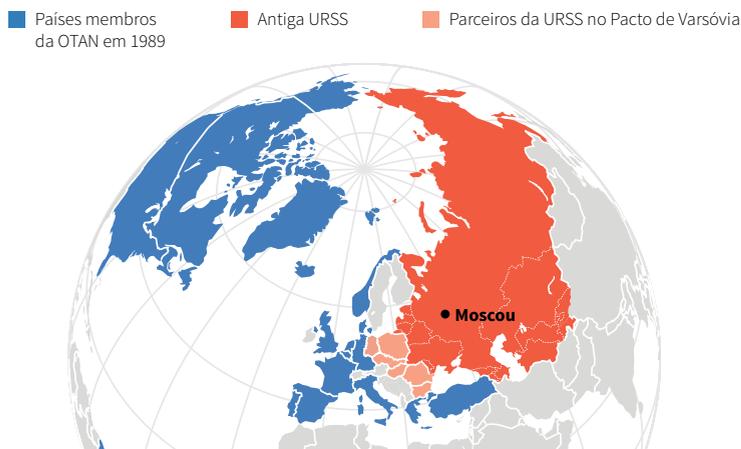


Figura 2 – Expansão da OTAN

(Gráfico de G. Cabrera, OTAN/Reuters)

guerrilheiros conduziram reconhecimento, ajudaram nas campanhas de dissimulação e forneceram guias para as forças soviéticas contra os alemães³⁴.

A ideia de cercar e destruir uma força inimiga fascina os planejadores militares desde sua perfeição em Canas. A tecnologia moderna possibilitou as táticas de cerco e aniquilação em meados do século XX. Os soviéticos obtiveram sucesso com essa tática em 1939 contra os japoneses na batalha de Khalkhin Gol (Nomonhan); contra o 6º Exército alemão em Stalingrado, em 1942; e contra o Grupo de Exércitos Centro alemão durante a Operação *Bagration*, em 1944³⁵.

Adaptações Táticas

As táticas russas evoluíram para se ajustarem ao ambiente operacional moderno. A força híbrida russa inclui forças regulares, milícias locais, empresas contratadas privadas, nacionalistas extremistas,

criminosos e fundamentalistas muçulmanos. É particularmente difícil opor-se a essa combinação de forças em virtude de suas diferentes origens e motivações. As milícias regionais — adestradas e equipadas pela Rússia — fornecem uma força autóctone, em posição avançada, que oferece legitimidade à causa. Os contratados privados são uma evolução da força motivada pelo pan-eslavismo vista nos conflitos nos Bálcãs do século XX³⁶. O emprego de criminosos, nacionalistas extremistas e fundamentalistas muçulmanos além de suas fronteiras é vantajoso em todos os aspectos para a Rússia. Previne problemas dentro das fronteiras russas, ao mesmo tempo que permite que aqueles atores sirvam como “bucha de canhão” e expressem sua agressão contra um inimigo em comum³⁷. Convenientemente, é mais fácil negar responsabilidade em relação a esses diferentes grupos militantes do que em relação às forças regulares russas.

As táticas de cerco e aniquilação foram decisivas na guerra da Rússia contra a Ucrânia. No combate por Ilovaisk, as forças ucranianas conquistaram um importante entroncamento rododiferroviário entre as cidades de Donetsk e Luhansk, controladas por separatistas. As forças russas rapidamente cercaram e sitiaram a cidade. As baixas e a desmoralização enfraqueceram as forças ucranianas, levando a um acordo de retirada em troca de salvo-conduto. Segundo a revista *Newsweek*, o próprio Putin ratificou o acordo, mas as forças russas emboscaram e destruíram a coluna ucraniana em retirada. Oficialmente, Kiev admite que houve 108 mortos, mas testemunhas relatam um número de cinco a seis vezes maior³⁸. A Rússia utilizou essa mesma tática em Debaltseve em janeiro de 2015. Nesse combate, as Forças Armadas ucranianas ocuparam, mais uma vez, um entroncamento rododiferroviário crucial entre as duas regiões separatistas. As forças russas e separatistas avançaram contra os flancos da cidade, criando uma saliência. Receando o cerco total, as forças ucranianas se retiraram. Mais uma vez, as forças russas esperaram em emboscada. Um sobrevivente relatou: “Sim, os russos nos deixaram

sair em retirada e nos receberam com carros de combate e lança-foguetes móveis”³⁹. O governo ucraniano anunciou que 179 soldados ucranianos foram mortos, 110 foram capturados e 81 estavam desaparecidos⁴⁰. Ambos os combates deixaram as forças ucranianas desmoralizadas. A divisão interna se estabeleceu entre as forças, que acusaram Kiev de abandoná-las.

Conclusão e Recomendações

O trabalho de Berzins sobre a guerra de nova geração russa oferece um excelente modelo para compreender o que a Rússia estava fazendo em abril de 2014. O benefício de uma análise retrospectiva é que ela permite entender que as ações russas na Ucrânia têm um contexto histórico nos âmbitos estratégico, operacional e tático, com pequenas adaptações. Há uma série de coisas que os EUA e a OTAN podem fazer para se oporem à agressão russa; por que não usar o que funcionou no passado contra a Rússia, com pequenas adaptações?

Estrategicamente, a Operação *Atlantic Resolve*, operação liderada pelos EUA na Europa com o objetivo de fornecer garantias aos aliados da OTAN, é bastante semelhante à política de contenção descrita no relatório NSC-68, do Conselho de Segurança Nacional, pelo governo Truman⁴¹. A grande vantagem para a OTAN são os antigos inimigos pertencentes ao Pacto de Varsóvia, hoje considerados aliados. A figura 2 mostra a extensão da OTAN após o colapso da União das Repúblicas Socialistas

Soviéticas em 1989. A parceria com esses países serve para assegurar aos aliados da OTAN que eles não serão abandonados diante da expansão territorial russa.

Operacionalmente, a OTAN precisa combater as operações profundas russas que busquem deslegitimar a soberania de membros vulneráveis da organização, devendo tomar medidas para reforçar sua determinação coletiva. Além disso, não combater a guerra de informação russa pode fragmentar a estrutura de segurança transatlântica que serve para proteger a liberdade, prosperidade e paz para milhões de pessoas.

Taticamente, a OTAN deve adotar o modelo híbrido. A OTAN operou como uma força híbrida no Afeganistão e, considerando os pequenos exércitos dos aliados da organização, é bastante provável que estabeleça parcerias com milícias no caso de um futuro conflito.

A Rússia parece ter escolhido um retrocesso, em vez do convívio pacífico. Vem estabelecendo as condições e definindo o ambiente operacional por sua audácia agressiva e relativamente incontestada, mas o modo de guerra russo e sua propensão histórica à expansão diante de uma fraca resistência tem sido geralmente constante ao longo de toda a sua história. Em consequência, o verdadeiro problema diante da OTAN não é um novo tipo de guerra russo ou uma nova política de expansão, mas a relutância da própria organização em retomar seu propósito original de prevenir a conquista russa. ■

O Major Nicholas Sinclair, do Exército dos EUA, é subcomandante do 1º/68º Batalhão Blindado, 3ª Brigada de Combate Blindada, 4ª Divisão de Infantaria. Concluiu o bacharelado em The Citadel, Charleston, Carolina do Sul, e o curso da Escola de Estudos Militares Avançados, no Forte Leavenworth, Estado do Kansas.

Referências

1. U.S. Army Training and Doctrine Command (TRADOC) Pamphlet 525-3-1, *The U.S. Army Operating Concept: Win in Complex World 2020-2040* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 31 October 2014), p. 10.

2. *National Security Strategy* (Washington, DC: The White House, February 2015), 2, acesso em 11 fev. 2016, https://www.whitehouse.gov/sites/default/files/docs/2015_national_security_strategy.pdf.

3. Joint Publication 3-0, *Joint Operations* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office [GPO], 11 August 2011), gl-14, s.v. “Ambiente operacional”. Uma combinação das condições, circunstâncias e influências que afetam o emprego de capacidades e as decisões do comandante. Conhecido como OE, na sigla em inglês.

4. Janis Berzins, *Russia’s New Generation Warfare in Ukraine: Implications for Latvian Defense Policy* (Riga, Latvia: National Defense Academy of Latvia, 2 April 2014), p. 3.

5. Foy D. Kohler e Mose I. Harvey, eds., *The Soviet Union: Yesterday, Today, Tomorrow, a Colloquy Of American Long-Timers In Moscow* (Coral Gables, FL: Center for Advanced International Studies University of Miami, 1975), p. 87.
6. Timothy Thomas, *Recasting the Red Star: Russia Forges Tradition and Technology Through Toughness* (Fort Leavenworth, KS: Foreign Military Studies Office, 2011), p. 1.
7. Presidente da Federação Russa, *site The Military Doctrine Of The Russian Federation Russian Federation*, 5 February 2010, p. 7, acesso em 12 fev. 2016, http://carnegieendowment.org/files/2010russia_military_doctrine.pdf.
8. Will Dunham, "Kerry Condemns Russia's 'Incredible Act of Aggression' in Ukraine", *site Reuters*, 2 March 2014, acesso em 12 fev. 2016, <http://www.reuters.com/article/2014/03/02/us-ukraine-crisis-usa-kerry-idusbrea210dg20140302>.
9. "Putin Calls Collapse Of Soviet Union 'Catastrophe'", *Washington Times*, 26 April 2005, acesso em 12 fev. 2016, <http://www.washingtontimes.com/news/2005/apr/26/20050426-120658-5687r/?page=all#!>.
10. Andres Kasecamp, *A History of The Baltic States* (New York: Palgrave Macmillan, 2010), p. 145–146.
11. *Ibid.*, p. 154.
12. *Washington Times*, "Putin Calls Collapse 'Catastrophe'".
13. Paul Reynolds, "New Russian World Order: The Five Principles", *BBC*, 1 September 2008, acesso em 12 fev. 2016, <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/7591610.stm>.
14. *Ibid.*
15. Berzins, *Russia's New Generation Warfare*, p. 6.
16. *Ibid.*, p. 4.
17. Glenn Curtis, *An Overview of Psychological Operations* (Washington D.C.: Federal Research Division, Library Of Congress, 1989), p. 2, acesso em 21 mar. 2016, www.dtic.mil/cgi-bin/gettrdoc?ad=ada302389.
18. *Ibid.*, p. 14.
19. Dennis Kux, "Soviet Active Measures and Disinformation: Overview and Assessment", *Parameters* 15 (40 (1985): p. 22, acesso em 21 mar. 2016, <http://strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/parameters/articles/1985/1985%20kux.pdf>; U.S. Department of State, *Soviet Influence Activities: A Report on Active Measures And Propaganda, 1986-1987* (Washington D.C., U.S. Department of State, 1987), p. 81.
20. G.S. Isserson, *The Evolution of Operational Art*, trans. Bruce Menning (Leavenworth, KS: Combat Studies Institute Press, 2013), p. 56.
21. A. Svechin, *Strategy*, 4th ed., ed. Kent D. Lee (Minneapolis: East View Publications, 2004), p. 84.
22. Carl von Clausewitz, *On War*, ed. by Michael Howard and Peter Paret (Princeton: Princeton University Press, 1989), p. 89.
23. B.H. Liddell Hart, *Strategy*, 2nd ed. (New York: Plume, 1991), p. 183.
24. Berzins, *Russia's New Generation Warfare*, p. 4.
25. Timothy Thomas, *Recasting The Red Star*, p. 118.
26. Phillip Karber, "Russia's Hybrid War Campaign: Implications for Ukraine and Beyond" (Powerpoint Presentation from lecture, Center for Strategic and International Studies Russian Military Forum, Vienna, Virginia, 10 March 2015).
27. Ronald Asmus, *A Little War that Shook the World: Georgia, Russia, and the Future of the West* (New York: St. Martin's Press, 2010).
28. Bruno Waterfield, "EU Blames Georgia for Starting War with Russia", *Telegraph*, 30 September 2009, acesso em 12 fev. 2016, <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/georgia/6247620/eu-blames-georgia-for-starting-war-with-russia.html>.
29. Berzins, *Russia's New Generation Warfare*, p. 4.
30. Training Circular 7-100, *Hybrid Threat* (Washington, DC: U.S. GPO, November 2010), p. v.
31. Berzins, *Russia's New Generation Warfare*, p. 4.
32. Mary Platt Parmele, *A Short History Of Russia* (New York: Charles Scribner's Sons, 1907), p. 9.
33. David G. Chandler, *The Campaigns of Napoleon* (New York: Scribner, 1995), p. 831.
34. David M. Glantz e Jonathan House, *When Titans Clashed: How the Red Army Stopped Hitler* (Lawrence, KS: University Press of Kansas, 1995), p. 181.
35. Alvin Coox, *Nomonhan: Japan Against Russia, 1939* (Stanford, CA: Stanford University Press, 1985), p. 1123; Edward Drea, "Nomonhan: Japanese-Soviet Tactical Combat, 1939", *Leavenworth Papers* 2 (January 1981): p. 9; R. Ernest Dupuy e Trevor N. Dupuy, *The Encyclopedia of Military History from 3500 B.C. to the Present*, 2nd ed. (New York: Harper & Row Publishers, 1986), p. 1099; David M. Glantz e Jonathan M. House, *When Titans Clashed: How the Red Army Stopped Hitler* (modern War Studies) (Lawrence, KS: University Press of Kansas, 1995), p. 196.
36. Karber, "Russia's Hybrid War".
37. *Ibid.*
38. Lucian Kim, "The Battle of Ilovaisk: Details of a Massacre Inside Rebel-Held Eastern Ukraine", *Newsweek*, 4 November 2014, p. 1, acesso em 12 fev. 2016, http://www.newsweek.com/2014/11/14/battle-ilovaisk-details-massacre-inside-rebel-held-eastern-ukraine-282003.html?piano_t=1.
39. "Retreating from Debaltseve: They Gave Us 'Green' Corridor with Grads and Tanks", YouTube, 19 February 2015, acesso em 12 fev. 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=CoeDpF8Utl>. O BM-21 grad é um lançador múltiplo de foguetes de 122 mm montado em caminhão.
40. Agence France-Presse, "Ukraine Lost 179 Troops in Battle for Debaltseve: Advisor", 21 February 2015, acesso em 12 fev. 2016, <http://news.yahoo.com/ukraine-lost-179-troops-battle-debaltseve-aide-114009798.html>.
41. NSC 68, "A Report to the National Security Council", Truman Papers, 12 April 1950, acesso em 12 fev. 2016, http://www.trumanlibrary.org/whistlestop/study_collections/coldwar/documents/pdf/10-1.pdf.